



## **ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO:** Os desafios de um contexto em retrocesso

### **VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: REVISÃO DE LITERATURA**

Giovanna dos Santos Greco(Acadêmica) – [gjo\\_sgreco@hotmail.com](mailto:gjo_sgreco@hotmail.com)

Maria Gabriela Cordeiro Zago (Acadêmica) – [gabriela-zago@hotmail.com](mailto:gabriela-zago@hotmail.com)

Dandara Novakowski Spigolon (Co-orientadora) – [dandaraspigolon@gmail.com](mailto:dandaraspigolon@gmail.com)

Willian Augusto de Melo (Orientador) – [profewil@yahoo.com.br](mailto:profewil@yahoo.com.br)

Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR *campus* Paranavaí

**Resumo:** Este artigo teve como objetivo realizar uma revisão da literatura de estudos sobre violência obstétrica . Para isso, consiste em reunir, de forma integrada, um conjunto de referências e de resultados de estudos acerca do tema de Violência Obstétrica e discutir os principais achados . Após a revisão consideram-se que mudanças nas práticas assistenciais atuais são necessárias e devem ser feitas para reduzir as intervenções desnecessárias . Trata-se de um tema pouco explorado, e com escassa bibliografia de artigos nacionais.

**Palavras-chave:** Humanização da assistência , Direitos reprodutivos, Violência contra a mulher, Obstetrícia, Parto.

#### **Introdução**

Entende-se por violência obstétrica qualquer ato exercido por profissionais da saúde no que cerne ao corpo e aos processos reprodutivos das mulheres, exprimido através de uma atenção desumanizada, violência psicológica, social e física, abuso de ações intervencionistas, medicalização e a transformação patológica dos processos de parturição fisiológicos (JUAREZ et al; 2012). Inegavelmente, o parto é um momento único e inesquecível na vida da mulher, quando o cuidado despendido pelos profissionais deveria ser singular e pautado no protagonismo da mulher, tornando-o mais natural e humano possível. Distintamente de outros acontecimentos que necessitam de cuidados hospitalares, o processo de parturição é fisiológico e natural, e precisa em sua maioria, apenas de apoio, acolhimento, atenção e humanização (ANDRADE; AGGIO, 2014). Desse modo, é importante que os profissionais que prestam cuidados no pré-natal, conheçam sobre o tema, para prevenir situações que agridem a mulher em qualquer contexto, seja ele psicológico



## **ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO:**

**Os desafios de um contexto em retrocesso**

e/ou físico. A violência obstétrica ainda é um tema pouco discutido na comunidade científica, diante desse cenário, este artigo teve como objetivo realizar uma revisão da literatura sobre a violência obstétrica.

### **Materiais e métodos**

Trata-se de um estudo de revisão da literatura, realizada de maneira metódica e ordenada com intuito de contribuir para a temática que está sendo analisada. Para isso, consiste em reunir, de forma integrada, um conjunto de referências e de resultados de estudos acerca do tema de Violência Obstétrica e discutir os principais achados. A primeira etapa consistiu na identificação do tema e seleção que se desenvolveu a partir da temática violência obstétrica. Na segunda etapa, foram delimitados os critérios para inclusão e exclusão do estudo. Foram definidos como critérios de inclusão: pesquisas publicadas em forma de artigos, em periódicos nacionais no período de 2015 a 2018 independente do método de pesquisa e que possuíam título e resumos disponíveis, e as referências apresentadas pela literatura sobre violência obstétrica. Foram coletadas a partir das bases de dados: Medical Literature on Line (MEDLINE), Literatura da América Latina e Caribe (LILACS), Base de Dados de Enfermagem (BDENF). Para seleção, foram lidos criteriosamente os títulos e resumos, e a partir disso, aqueles que abordavam a temática de violência obstétrica foram selecionados.

### **Resultados e Discussão**

A revisão da literatura resultou-se em dez artigos selecionados, por meio de outros textos científicos que abordavam em qualquer contexto o tema violência obstétrica (Quadro 1).

Evidencia-se que no Brasil houve um aumento de 46,56% para 53,88% de partos cesáreas. Dados mostram que a via de parto cesárea chega a 56% na população geral, nos sistemas público com aproximadamente 40% e no privado de 85% (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015). Essas taxas são preocupantes, principalmente pela ocorrência de cirurgias cesáreas que muitas



## ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO: Os desafios de um contexto em retrocesso

vezes podem ser desnecessárias . Além dos os riscos de complicações maternas e neonatais é composto pelas altas taxas de intervenções empregadas na atenção ao parto e ao nascimento (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015).

Quadro 1 – Artigos selecionados para revisão da literatura

| <b>TÍTULO DOS ARTIGOS</b>   | <b>AUTORES/ ANO</b>      |
|---|--------------------------|
| Fatores associados à violência obstétrica na assistência ao parto vaginal em uma maternidade de alta complexidade em recife, Pernambuco | Andrade, et al., 2016    |
| Violência obstétrica no Brasil e o ciberativismo de mulheres mães: relato de duas experiências  | Sena; Tesser, 2017       |
| Relato de puérperas acerca da violência obstétrica nos serviços públicos  | Nascimento, et al., 2017 |
| Percepções sobre violências obstétricas na ótica de puérperas   | Oliveira; Mercês, 2017.  |
| Percepção das mulheres sobre violência obstétrica   | Oliveira, et al., 2017.  |
| Violência obstétrica sob o olhar das usuárias   | Silva, et al., 2016.     |
| Violência obstétrica: ativismo nas redes sociais  | Luz; Gico. 2015.         |
| Fatores associados à ocorrência de violência obstétrica institucional: uma revisão integrativa da literatura                            | Souza, et al., 2017.     |
| Violência obstétrica institucional no parto: percepção de profissionais da saúde  | Cardoso, et al., 2017.   |
| Violência obstétrica no Brasil: uma revisão narrativa   | Zanardo, et al., 2017    |

Fonte: Autoria própria, 2018.

Outro ponto, relacionado ao setor privado, é que a assistência à mulher geralmente é mais humanizada e afetiva nesse setor, porém as chances de conquistas do parto normal são mais baixas, por diversos motivos, como por exemplo, cultural. Enquanto, no setor público, o atendimento à parturiente tende a ser menos afetivo, por outro lado, a gestante tem mais chances do seu parto ser feito de maneira natural (VENTURI JUNIOR et al., 2011).

Uma pesquisa nacional mostrou que 25% das mulheres que tiveram partos normais relataram terem sofrido maus-tratos e desrespeitos durante o trabalho de parto, parto e/ou pós-parto imediato (VENTURI JUNIOR et al., 2011).

Outro estudo, apresentou prevalência da violência obstétrica de 86,57%. Considerou as práticas prejudiciais mais frequentes: esforços de puxo, a administração de ocitocina e o uso rotineiro da posição supina/litotomia (ANDRADE, et. al., 2016). Também, observou-se em outra pesquisa o trauma



## **ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO:**

**Os desafios de um contexto em retrocesso**

retratado como a principal consequência na vida dessas mulheres, a dor, exames abusivos repetitivos, manobras sem evidências científicas e benefício e o descaso. Além disso, referiu médicos e enfermeiros como profissionais envolvidos nesses aspectos (NASCIMENTO, et al., 2017). Nesse contexto, a violência obstétrica foi caracterizada nos estudos de diversas formas, envolvendo desde a negligência na assistência, a negativa de direitos e de informações esclarecedoras de diagnóstico, até as agressões verbais na hora do parto. Logo percebe-se a importância de abordagens dos profissionais, em especial médicos e enfermeiros para um processo humanizado prestados a essas gestantes (OLIVEIRA; MERCES, 2017; OLIVEIRA, et al., 2017; SILVA, et al., 2016; LUZ; GICO, 2015; SOUZA, et al., 2017; CARDOSO, et al., 2017).

Com os resultados encontrados no presente estudo observou-se, a necessidade de promover educação em saúde durante o pré-natal e no puerpério imediato, tanto para as usuárias como para os profissionais da saúde, no qual os procedimentos sejam mais regularizados, claros e organizados, e propiciem um ambiente mais seguro (ZANARDO, et al., 2017; SENA, et al., 2017).

As práticas carregadas de significados culturais estereotipados de desvalorização e submissão da mulher, atravessadas pelas ideologias médica e de gênero (ZANARDO et al., 2017), se tornam comuns, e esse tipo de violência não pode ser admissível, como um ato normal da prática dos profissionais. Por isso, mudanças nas práticas assistenciais atuais são necessárias e devem ser feitas para reduzir as intervenções desnecessárias.

### **Considerações finais**

Considera-se a violência obstétrica uma problemática importante e emergente no contexto brasileiro dos serviços de saúde e a partir da análise realizada, apresentam-se as seguintes considerações: mudanças nas práticas assistenciais atuais são necessárias e devem ser feitas para reduzir as



## ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO: Os desafios de um contexto em retrocesso

intervenções desnecessárias . O tema apresenta grande dificuldade de ser explorado, com poucos artigos brasileiros publicados.

### Referências

ANDRADE, Pon. et al. Fatores associados à violência obstétrica na assistência ao parto vaginal em uma maternidade de alta complexidade em Recife, Pernambuco. **Revista Bras. Saude Mater. Infant.** [online]. 2016, v.16, n.1, p.29-37. Disponível em: <> Acesso em:

ANDRADE, B.P., AGGIO, C.M. Violência obstétrica: a dor que cala, 2014. Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas. Disponível em: [http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT3\\_Briena%20Padilha%20Andrade.pdf](http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT3_Briena%20Padilha%20Andrade.pdf)

Acesso em: ...

JUÁREZ, Diana. et al. Violencia sobre las mujeres: herramientas para el trabajo de los equipos comunitarios/ Diana Juárez et al.; edición literaria a cargo de Ángeles Tessio. -1a ed. - Buenos Aires: Ministerio de Salud de la Nación, 2012. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Diretrizes de Atenção à Gestante: a operação cesariana. Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS (CONITEC). Brasília, DF. 2015.

NASCIMENTO, L.C. et al. Relato de puérperas acerca da violência obstétrica nos serviços públicos. **Rev. enferm. UFPE on line**;11(supl.5):2014-2023, maio 2017.

SENA, LM; TESSER, CD. Violência obstétrica no Brasil e o ciberativismo de mulheres mães: relato de duas experiências. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 21, n. 60, p. 209-220, Mar. 2017.

SOUZA, AB, et al. Fatores associados à ocorrência de violência obstétrica institucional: uma revisão integrativa da literatura. **Rev Ciênc Méd.** 2017. 25(3): 115-128.

VENTURI JÚNIOR, G., AGUIAR, J.M., HOTIMSKY, S.N. A violência institucional no parto em maternidades brasileiras: uma análise preliminar de dados da pesquisa de opinião pública Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado – 2010. In: 7o Congresso Brasileiro de Enfermagem Obstétrica e Neonatal; 2011; Belo Horizonte, Brasil. 2011. p. 1-6.



## **ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO:** Os desafios de um contexto em retrocesso

ZANARDO, GLP, et al. Violência obstétrica no Brasil: uma revisão narrativa. *Psicologia & Sociedade*. 2017. 29: e155043.

FERDINAND, JOSÉ DA COSTA CARDOSO, et al. Violência obstétrica institucional no parto: percepção de profissionais da saúde. *Rev. enferm. UFPE on line* 11(9):3346-53, set 2017.

LUZ, LH, GICO VV. Violência obstétrica: ativismo nas redes sociais *Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos*, v. 23, n. 3, p. 475-484, 2015

OLIVEIRA, TR et al. Percepção das mulheres sobre violência obstétrica *Rev. enferm. UFPE on line*; 11(1): 40-46, jan.2017

OLIVEIRA, MC., MAGNO, CM. Percepções sobre violências obstétricas na ótica de puérperas *Ver. Enferm. UFPE on line* 11(supl.6): 2483-2489, jun. 2017